

## O onírico<sup>1</sup> desacorrentado: *Cine Clube Aquiry* e o movimento cineclubista na cidade de Rio Branco, Acre: (1970-1980)

Hélio Moreira da Costa Júnior\*

Glauber Rocha em sua obra “Revisão Crítica do Cinema Brasileiro (Rocha, 1963 p. 11) alertava sobre “A cultura cinematográfica brasileira” e o fato de ela ser “*precária e marginal: existem os cineclubes e duas cinematecas: inexistente uma revista de importância informativa, crítica ou teórica*” também alfinetava acerca do papel das instituições e sua “contribuição” para o cinema nacional: “*Eis que a Censura permite que ofereça ao povo: pornografia a baixo preço.*” O provocativo alerta de Glauber Rocha nos remete a entender a importância que os cineclubes terão no cenário brasileiro a partir da década de 1970.

A proposta deste trabalho consiste em estudar o movimento cineclubista na cidade de Rio Branco - Acre na década de 1970. Trata-se de um inusitado movimento cultural em um período de agitação nos meios culturais da cidade e também com o objetivo de dar sequência ao estudo da história do cinema acriano iniciado a partir da dissertação “*Acre(anos) de cinema*”: *uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas do ECAJA Filmes, (1972 -1982)*. (Costa Júnior, 2002)

Este estudo se concentrará na conturbada década de 1970, onde surgiram em Rio Branco, capital do Estado do Acre, diversos Grupos de Teatro, aconteceram os Festivais de música na praia do “Amapá” e onde nascera também o grupo de jovens cineastas do ECAJA Filmes, que foram pioneiros na arte de produzir filmes em película Super-8 mm, neste período surgiu o *Cine Clube Aquiry*. Para melhor compreender a importância destas atividades culturais neste período, vale observar o trecho extraído do jornal *Varadouro* de junho de 1978:

A partir de então, vêm se multiplicando sempre mais os grupos teatrais. Paralelamente, foram criados alguns programas musicais no rádio, como Momento Experiência, os jornais do sul começaram a ser distribuídos nas

---

<sup>1</sup> O termo “onírico” aqui exposto refere-se ao conceito proposto por Arlindo Machado na sua obra “Pré-cinema & pós-cinema capítulo 3, em especial na pág. 15.

\* Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPR) Professor na Universidade Federal do Acre (UFAC)

bancas; surge o Cine Clube Aquiry, aparece o jornal Varadouro, estreia o grupo Musical Raízes (...) sai vitoriosa a chapa Seringueira para o DCE na Universidade... (Marques, 2005 p. 31)

O primeiro contato com a temática do cineclubismo em Rio Branco-Acre nasceu durante as entrevistas realizadas durante a elaboração da dissertação de mestrado “*Acre(anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas do ECAJA Filmes*”. Neste período mantivemos contatos com um grupo de pessoas que haviam participado do movimento cineclubista na cidade de Rio Branco - Acre, contudo, devido a necessidade de concluir a dissertação em curso, tivemos que deixar estas evidências fora do mapa dessa pesquisa naquele instante; agora vê-se neste novo momento a possibilidade de retomar o tema e recontar uma história de um tempo de imagens, oniricidade e resistências.

O cineclubismo tem sua história intimamente ligada aos movimentos de *avant-grade* ocorridos na França entre 1920. Segundo Lisboa com a intenção de debater, promover e estimular as pesquisas de novas estéticas os críticos Riccioto Canudo e Luis Delluc criaram, entre 1920 e 1921, o movimento cineclubista. A própria expressão “*cine-club*” teria sido criada por Delluc a partir do nome hebdomadário *jurnal du Cine-Club*, e que posteriormente passou a ser chamado somente de Cine-Club”.

Este jornal tinha o objetivo de estimular o cinema de qualidade através de encontros com os amantes do cinema. Os encontros promovidos por Delluc tornaram-se referência e os cineclubes se multiplicaram na França. No Brasil, o primeiro cineclubista que se tem notícia é o *Chaplin-Club*, fundado no Rio de Janeiro em 1928, e seu órgão divulgador é a revista *Fan*, contudo diferentemente do *Cine-Club*, os artigos publicados na revista *Fan* tinham no cinema mudo americano e a preocupação com a qualidade técnica, porém, a influência francesa mostrava-se presente na busca do cinema como manifestação artística da modernidade. Em São Paulo surge o Clube de Cinema que funcionava na Faculdade de Filosofia da USP.

Esse cineclubista promoveu mostras de cinema europeu e exibições de filmes socialmente engajados do cinema dos Estados Unidos, além de publicar a revista cultural *Clima*. O Clube de Cinema de São Paulo foi fechado logo

em seguida pela ditadura do Estado Novo, e ressurgiu em 1946. (Capelato, et al., 2007 pp. 356-357)

Uma das principais características do movimento cineclubista é justamente a que mais incomoda e assusta os regimes de exceção: a reunião de um grupo de pessoas com a finalidade de debater ideias.

A segunda metade dos anos 60 foi um período marcado pela contracultura, fenômeno no qual o jovem passava a se conduzir de forma contrária aos valores estabelecidos pela sociedade, este movimento culminou com a radicalização dos movimentos estudantis a partir do maio de 68 na França. No final da década de 60, os movimentos de contracultura se fragmentaram, sendo que alguns desses fragmentos foram assimilados pela indústria cultural.

No Brasil, a mesma década de 60 foi marcada por uma profunda agitação política e cultural. Os Centros Populares de Cultura (CPC) podiam ser considerados o eixo aglutinador de uma intensa militância política. Na música nascia a Bossa Nova, que incorporava elementos de uma fina antropofagia musical, os grandes Festivais foram cristalização deste momento em particular, com suas canções de protesto que tornam-se marca registrada destes festivais. Por outro lado, havia um embrião de cultura *pop*, representada pela Jovem Guarda e baseada na cultura do rock cujos maiores representantes eram Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléia. Na encruzilhada entre essas duas tendências culturais surge o Tropicalismo, movimento liderado por Caetano Veloso, Gilberto Gil e inspirado no antropofagismo das vanguardas modernistas brasileiras dos anos 20. Este movimento cultural não se encaixa nem nos padrões estéticos da cultura engajada esquerdista nem no padrão de consumo industrial.

Já o cinema brasileiro desse período vive um movimento peculiar, engajando-se politicamente e alinhando-se ao espírito radical dos anos 1960 ao mesmo tempo, como parte de sua agenda política, o Cinema Novo tentou problematizar sua inserção na esfera da indústria cultural, apresentando-se ao mercado mas procurando ser sua negação e seu questionamento, procurando com tal perspectiva sua inserção na tradição cultural erudita”, inclusive internacional. O Cinema Novo sofreu influência da *Nouvelle Vague* francesa e se desenvolveu graças ao ambiente favorável da cultura

engajada, promovendo uma visão crítica da situação política e social do Brasil. Após o golpe militar de 64, o Cinema Novo passou a refletir sobre o papel da própria esquerda, focalizando a classe média urbana. (Leite, 2005 p. 96)

Politicamente no Brasil tem-se o Golpe de Estado de 1964 articulado por setores da burguesia nacional, militares e com o irrestrito apoio do Capital internacional.

É neste cenário que os jovens da cidade de Rio Branco irão participar da aventura do cineclubismo. Rio Branco dos anos 1970 se encontrava em meio a uma dura disputa pela posse da terra com a chegada dos denominados “paulistas”<sup>2</sup>.

Com a chegada destes novos sujeitos sociais dá-se início uma acirrada disputa, fruto de um novo modelo econômico imposto pelo Regime Militar para a região amazônica, onde a agropecuária ganhava destaque e deixava para trás toda uma tradição de economia voltada para o extrativismo da borracha e da castanha. A expulsão do homem do campo, dos seringais e de suas terras foi uma das consequências mais visíveis desta política, trazendo como resultado o inchaço urbano e o êxodo rural, além de criar um clima de instabilidade social e de violência. É neste período que aparecem os primeiros sintomas do que viria a ser caracterizado em um futuro bem próximo como um “cinturão” de favelados, e será neste contexto social que surgirá um movimento no mínimo inusitado para as condições daquele período: o cineclubismo.

Apesar de todas as dificuldades vividas na cidade devido ao seu isolamento geográfico do eixo Rio – São Paulo, um intenso movimento cultural se estabeleceu como forma de resistência aos padrões estético-culturais que estavam chegando do Centro-Sul, através dos imigrantes denominados genericamente de “paulistas”.

Naqueles tempos, por volta de 1970, havia na cidade de Rio Branco apenas uma emissora de rádio e um jornal. Entre estes poucos veículos de comunicação destacavam-se o jornal “*O Rio Branco*” e a rádio *Difusora Acreana*, contudo havia uma intensa agitação cultural, onde se faziam presentes os grupos de teatro que atuavam de forma alternativa ou com o apoio da Igreja, os festivais de música, os encontros em

---

<sup>2</sup> O termo “paulista” é uma denominação pejorativa dada aos investidores (compradores de terras desvalorizadas pelo declínio da economia gumífera) que vinha do Centro-Sul atraídos pela publicidade do então Governador Francisco Wanderley Dantas como parte da política de ocupação da Amazônia defendida pelo Regime Militar.

grupo de jovens ligados as Comunidades Eclesiais de Bases (CEB's) e em bares da cidade. Nestes espaços discutia-se arte plástica, música, teatro, cinema, enfim o movimento cultural que agitava a cidade.

Eram os anos de chumbo do Regime Militar onde a ordem do dia era a obediência. Se por um lado foi um período marcado pela violência tanto urbana como rural, por outro, foi também de uma época marcada pelo movimento cultural de nível nacional como Tropicalismo, Bossa Nova, MPB, Cinema Novo e a explosão do Cineclubismo Brasil afora. Os movimentos estudantis inspirados em maio de 1968, a censura oficial e a tortura predominavam no cenário nacional, e isto de certa forma, chama a atenção para o movimento cineclubista ocorrido em Rio Branco, ao percebermos que nesta cidade as condições tanto materiais como político-sociais não eram favoráveis para empreender esta aventura cinéfila.

O ineditismo deste tema fica patente não somente diante do inusitado fato da criação de um cineclube em uma localidade tão esma, mas também devido a constatação da escassa bibliografia sobre o cineclubismo; em geral as obras que se reportam a este tema tem um caráter mais tangencial, o foco é o cinema em si. Poucos títulos tem o cineclubismo como tema central, neste sentido, ressalte-se a publicação intitulada “Cineclubismo: memórias dos anos de chumbo”, de Rose Clair, uma tese de doutoramento ligeiramente alterada para fins de publicação e que tem como foco central as memórias dos frequentadores dos cineclubes cariocas, sendo a resistência ao regime ditatorial de 64 a tese central de suas análises:

Alongando meu olhar, percebo, hoje, que as experiências cineclubistas revelaram que os movimentos de resistência podem ultrapassar a simples reação e oposição a um tempo determinado, gerando, portanto, um processo instituinte. (Matela, 2008 p. 33)

As narrativas e as memórias dos frequentadores dos cineclubes cariocas são o elemento central do trabalho de Rose Clair, além da publicação dos panfletos utilizados na divulgação e preparação para os debates que eram o ponto alto dos encontros nos cineclubes.

Já em História e Cinema de Capelato, Moretti, Napolitano e Saliba, o tema

cineclube é abordado por Fátima Sebastiana Gomes Lisboa, com o título do artigo *O cineclubismo na América Latina: ideias sobre o projeto civilizador do movimento francês no Brasil e Argentina (1940 -1970)*. Lisboa neste artigo trata da fundação e dos aspectos ideológicos do movimento cineclubista ocorrido através de Delluc e nas páginas do semanário *Journal du Cine-Club*. Tem-se a partir da leitura deste artigo, as propostas e os objetivos do movimento cineclubista: debater a realidade circundante através da *sept art*. Neste sentido, o movimento cineclubista instalado em Rio Branco, em um primeiro contato com as fontes disponíveis, assemelha-se por demais com o movimento francês dos anos de 1920, com um ingrediente a mais: um forte teor desafiador ao Regime Ditatorial que se instalou no Brasil a partir de 1964.

Outra obra que trata do tema cineclube é “Clarões da Tela: o cinema dentro de nós”, obra organizada por Marcos Silva e Bené Chaves e como diz os próprios organizadores no prefácio da obra:

Clarões da Tela – O Cinema dentro de nós nasceu como uma homenagem ao Cineclub Tiro, que atuou em Natal entre as décadas de 1960, 1970 e 1980 instalado durante muito tempo no Salão Paroquial da Igreja Santa Terezinha, fortemente marcado pela presença de católicos e comunistas e que promoveu durante quase duas décadas, as sessões do cinema de enraizado nos debates de pioneiros locais dos anos de 1950 e que vieram a desdobrar-se em novas gerações de apreciadores potiguares de cinema. (Silva, 2006 p. 15)

Esta obra tem seu foco na análise dos filmes a partir dos múltiplos olhares dos frequentadores do Cineclub Tiro de diferentes gerações. Esta tem sido a característica comum as publicações dedicadas aos cineclubismo: debater o filme, afinal, este é o objetivo de qualquer cineclube que mereça este nome.

A leitura destas e de outras poucas obras dedicadas ao cineclubismo trás alguns pontos em comum com o movimento cineclubista ocorrido no Estado do Acre na década de 1970 e 1980. O primeiro destaque fica para a característica do cineclube como um espaço de resistência aos anos de chumbo que se seguiram ao golpe de 1964. Outro destaque vai para a presença da Igreja Católica neste movimento a partir da Comunidade Eclesiais de Base (CEB's) e finalmente o cineclube como um espaço de

debates e de troca de ideias e de visão social de mundo<sup>3</sup>.

Escolher e delimitar um tema geralmente não se restringe apenas a cumprir exigências acadêmicas, a opção por uma temática diz muito a respeito de nossa postura enquanto historiador.

O Historiador poderá escolher como ponto de partida algum elemento da vida que seja, por si só, limitado tanto em tempo como em espaço, mas usado como uma janela para o mundo (Samuel, 1990 pp. 228-229)

Portanto, pensar uma temática

não é apenas escolher o assunto. Neste sentido a definição não é um ato só inicial: ela se articula com a problematização, formando com estes momentos e expressão de um único movimento. (Vieira, et al., 1995 p. 30)

A opção e o interesse pelo cineclubismo na cidade de Rio Branco surgem na medida em que pesquisava para elaboração da dissertação de mestrado. Durante o processo de levantamento das fontes, entre elas, as fontes orais, apareceram depoimentos que relatavam que na cidade de Rio Branco, na década de 1970, durante o período áureo do Regime Militar, um grupo de ativistas culturais, artistas, intelectuais e militantes de diversas matizes aglutinaram-se em torno da criação do movimento cineclubista na capital acriana, naquele instante estas evidências tiveram que ser deixadas de lado, mas acreditávamos estar diante de fato inusitado, uma dessas “janelas para o mundo” de que nos fala Samuel Raphael.

Nestas primeiras incursões tive acesso a panfletos, atas e outras publicações do movimento cineclubista. Na ata de fundação do Cineclube Aquiry consta o dia em que fora fundado: 19 de junho de 1976 e que sua sede ficava na cidade de Rio Branco capital do Estado do Acre. Em seu estatuto de fundação outra constatação impressiona: seu objetivo era de ser uma associação de fins culturais que visava o desenvolvimento e aprimoramento da apreciação Técnica, Artística e Histórica da obra cinematográfica.

---

<sup>3</sup> Conforme Michael Löwy em *As aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen: marxismo e Positivismo na sociologia do conhecimento*.

Ao observar as primeiras linhas do Estatuto do Cine Clube Aquiry, percebermos a riqueza deste movimento, que mesmo distante dos centros culturais do país, trazia em seu estatuto fundador as mesmas apreciações de Luis Delluc em 1920. Portanto a periodização temporal deste tema não é aleatória, procurou-se nesta delimitação ajustar-se ao período de existência do movimento cineclubista em Rio Branco durante o Regime Militar já que uma das motivações para que estes sujeitos sociais se reunissem não era apenas a predileção pela sétima arte, mas a atuação como uma frente de resistência ao silêncio imposto pela Censura.

Se estabelecer um ponto de partida já é bastante desafiador, na prática não é menos aflitivo a decisão delimitadora, visto que é na imensidão das memórias que várias outras histórias se manifestam. A decisão de delimitar o tema ao início da década de 1980 deve-se ao fato que foi nesta década que o cineclubista Aquiry começa a encerrar a suas atividades.

Uma pergunta, no entanto, fica sem uma resposta consistente: quais os motivos que levaram estes sujeitos sociais a se reunirem em um movimento cineclubista? *A priori* o Estatuto poderia ser uma evidência, mas quando submetemos este questionamento a um exame mais profundo, a resposta não nos parece satisfatória.

Outra questão se faz necessária: quais os critérios estabelecidos para a escolha dos filmes? E mais ainda, quais as motivações para o estabelecimento de tais critérios? Políticas-ideológicas? Ou meramente estéticas?

E finalmente, mas não menos importante: quem eram os sujeitos sociais que compunham o movimento cineclubista? Uma constatação *a priori* pode ser feita neste sentido, os integrantes do movimento cineclubista de Rio Branco advinham das mais diversas camadas sociais, contudo outro elemento deve ser ressaltado, que em sua maioria, os associados do cineclubista Aquiry atualmente são socialmente bem sucedidos, podemos citar professores universitários, intelectuais, políticos, magistrados etc. Acreditamos que este fato merece ser melhor compreendido.

As respostas a essas indagações somente serão possíveis de serem respondidas no final da pesquisa, podendo inclusive surgir outras questões durante a trajetória deste trabalho.

Contudo, para obtermos as respostas a essas indagações será necessário estabelecer um diálogo com as muitas memórias que compõem o movimento

cinclubista, visto que a maioria dos integrantes do movimento cineclubista está ainda entre nós e dispostos a compartilhar suas memórias.

Logo, a oralidade terá uma presença marcante. A adoção do uso da oralidade como uma das fontes prioritárias, os relatos orais (depoimentos) dos integrantes do movimento cineclubista terá visível destaque junto à “*leitura*” dos filmes exibidos.

Os depoimentos orais ganham destaques a partir do momento em que pretendemos trazer à tona as experiências destes sujeitos sociais, pois ao escutarmos os relatos do cotidiano destes homens e mulheres é que poderemos compreender um pouco mais dos motivos que os levaram a tais práticas sociais.

Essas entrevistas serão facilitadas devido ao bom relacionamento mantido junto aos componentes do movimento cultural em questão, no dizer de Alessandro Portelli isto pode ser visto da seguinte forma:

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos interagindo não podem agir juntos a menos que uma espécie de mutualidade seja estabelecida. O campo pesquisado, entretanto, tem objetivo escorado em igualdade como condição para uma comunicação menos distorcida e um conjunto de informes menos tendenciosos. (Portelli, 1995 p. 3)

Estes relatos terão como objetivo trabalhar as memórias destes vários participantes, trazendo à tona os sujeitos sociais e suas experiências, conforme nos fala Michael Frich:

Quanto mais penso na extraordinária vitalidade e abrangência dos estudos históricos recentes, na pujante diversidade dos esforços públicos com a história no nível comunitário e na mídia, e no poder da memória coletiva vernacular de utilizar a história para enfrentar e contestar as manipulações do poder, mais me sinto encorajado pela capacidade democratizante da história e da memória quando inseridas num diálogo construtivo — como têm estado, cada vez mais, nos discursos e estudos recentes sobre memória

coletiva, que só agora começam a contar com o reconhecimento público mais amplo que merecem. (Amado, et al., 1998 p. 81)

A abundância de fontes neste caso é visível: os acervos particulares do senhor Francisco Gregório, ex-presidente da Fundação de Cultura do Estado Acre e do professor doutor da Universidade Federal do Acre Francisco Carlos da Silveira Calvacanti, a professora Fátima Almeida, escritora e ativista cultural, uma guardiã da memória deste movimento, além de outros ativistas culturais que participaram daquele movimento cultural e vários outros que estão de uma forma ou de outra ainda ligados ao fazer cultural e político de nossa cidade.

Além destas fontes, outra documentação existente nos arquivos da filmoteca acriana, na Fundação Cultural do Acre, no Centro de Documentação e Informação Histórica (CDIH) da Universidade Federal do Acre e nos arquivos particulares dos vários participantes do movimento pesquisado.

São fontes que trazem, em si, a própria maneira de como elas foram elaboradas. (Souza, 1992)

Os documentos a serem consultados serão os filmes exibidos neste período, fotografias de acervos particulares, jornais e arquivos públicos, manifestos escritos, panfletos de divulgação, cartazes, documentários em vídeo e em película e outros documentos, como recorte de jornais e periódicos. São fontes que terão consonância com a metodologia adotada por este projeto.

Este é um movimento rico sobre um tempo recente de nossa história que precisamos compreender melhor e as fontes estão a nossa disposição.

## **Bibliografia**

**Amado Janaína e Marieta Moraes Ferreira coordenadoras** Usos & abusos da história oral. [Livro]. - Rio de Janeiro : Fundação Getúlio Vargas, 1998.

**Aumont Jacques** A imagem [Livro]. - Campinas, SP : Papyrus, 1993. - Vol. (Ofício de arte e forma).

**Bernardet Jean Claude e Ramos Alcides Freire** Cinema e história do Brasil [Livro]. - São Paulo : Contexto, 1988.

**Bernardet Jean Claude** O que é cinema [Livro]. - São Paulo : Brasiliense, 1996.

**Bernardet Jean-Claude** Brasil em tempo de cinema: Ensaio sobre o cinema Brasileiro [Livro]. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.

**Brandão Antônio Carlos** Movimentos culturais de juventude [Livro]. - São Paulo : Moderna, 1990. - Vol. Coleção Polêmica.

**Capelato Maria Helena [et al.]** História e cinema [Livro]. - São Paulo : Alameda, 2007. - Vol. USP: história social. Série coletâneas.

**Costa Jr Hélio Moreira da** Acre(anos) de cinema: uma história quadro-a-quadro de jovens cineastas do ECAJA Filmes, (1972 -1982) [Livro]. - Rio : Edufac, 2010.

**Costa Júnior Hélio Moreira da** Acre(anos) de cinema: uma história de jovens cineastas acreanos de jovens cineastas [Mimeo] = Acre(anos) de Cinema. - Rio Branco : [s.n.], 2002. - p. 150. - Dissertação de Mestrado - UFPE.

**Duarte Élio Garcia** . Conflitos pela terra no Acre: a resistência dos seringueiros de Xapuri [Livro]. - Rio Branco : Casa da Amazônia,, 1987..

**Fenelon Déa Ribeiro** Muitas História, outras memórias [Livro]. - São Paulo : Editora Olho d'Água, 2005.

**Ferro Marc** Cinema e História [Livro]. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1992.

**Gomes Paulo Emílio Sales** Cinema: trajetória no subdesenvolvimento [Livro]. - São Paulo : Paz e Terra, 1996.

**Joly Martine** Introdução à análise da imagem. [Livro]. - São Paulo : Papyrus, 1996. - Vol. (Coleção Ofício de Arte e Forma).

**Leite Sidney Ferreira** Cinema brasileiro: das origens à retomada [Livro]. - São Paulo : Editora Fundação Perseu Abramo, 2005. - Vol. (Coleção História do Povo Brasileiro).

**Machado Arlindo** Pré-Cinema & Pós-Cinema [Livro]. - Campinas, SP : Papyrus, 1997. - Vol. (coleção Campos Imagético).

**Marques Maria do Perpetuo Socorro Calixto** A cidade encena a floresta [Livro]. - Rio Branco : Edufac, 2005.

**Matela Rose Clair** Cineclubismos: memória dos anos de chumbo [Livro]. - Rio de Janeiro : Editora Multifoco, 2008.

**Portelli Alessandro** A Morte de Luigi Trastulli e Outras Histórias: formas e significados na História Oral. [Seção do Livro]. - São Paulo : PUC/SP, 1995. - Vol. Mimeo.

**Rocha Glauber** Revisão Crítica do Cinema Brasileiro [Livro]. - Rio de Janeiro : Civilização Brasileira S. A., 1963.

**Sader Eder** Quando novas personagens entraram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, Região metropolitana [Livro]. - Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1988.

**Samuel Raphael** História local e História Oral [Periódico] // Revista Brasileira de História. - São Paulo : ANPUH/MCT/Marco zero, Set. 89/fev. 90 de 1990. - p. 228 e 229..

**Silva Marcos** 1964/1968: a ditadura já era ditadura [Livro]. - São Paulo : LCTE Editora, 2006.

**Silva Marcos** Clarões da Tela: o cinema dentro de nós [Livro]. - Natal, RN : – editora da UFRN, 2006.

**Souza Carlos Alberto Alves de** “Varadouros da Liberdade”: Cultura e Identidade dos seringueiros de Brasiléia-Acre, na luta pela posse da terra (1972-1990).. - São Paulo : [s.n.], 1992. - Projeto de pesquisa (copia).

**Souza Carlos Alberto Alves de** “Varadouros da Liberdade”: Empates no modo de vida dos seringueiros de Brasiléia-Acre. - São Paulo : PUC/SP, 1996. - Tese de doutorado em História, PUC/SP.

**Souza Carlos Alberto Alves de** História do Acre [Livro]. - Rio Branco : [s.n.], 2000.

**Vanoye Francis e Goliot-Lété Anne** Ensaio e análise fílmica [Livro]/ trad. Appenzeller Marina. - Campinas : [s.n.], 1994. - (Coleção Ofício de Arte e Forma).

**Vieira Maria do Pilar de Araújo, Peixoto Maria do Rosário da Cunha e Khoury Yara Maria Aun** A Pesquisa em História [Livro]. - São Paulo : ed. Ática, 1995. - 3ª edição.